

Whatsapp, o Frankenstein

Pseudônimo do autor: Olecram

Em tempos remotos, antes dos telefones celulares e do *whatsapp*, quando as linhas fixas valiam muito dinheiro, a comunicação entre os Irmãos era bem mais difícil. Qualquer comunicado de interesse da Loja, que demandasse urgência, passava por uma ginástica logística, com ligações organizadas em cadeia (para telefones fixos). Algo assim: o Venerável ligava para os Vigilantes, estes ligavam para outros Irmãos já definidos, que por sua vez também tinham a incumbência de contatarem outros tantos, e assim sucessivamente, até atingirem a ciência de todos do quadro daquela Oficina.

A estratégia de divulgação era, sem dúvida, bem bolada. Ocorre que, na prática, a teoria era outra. Basta imaginar o nó causado pela quebra de um dos elos desta corrente de informação. Era o suficiente para fazer o caldo desandar em progressão geométrica. E, mesmo se ninguém furasse, tinha o efeito “telefone sem fio”, que deteriorava o conteúdo do “recado” original, a cada bloco de ligações de passa e repassa. Era, numa dessas, que a “abóbada celeste”, virava “a boba da Celeste”.

Mas a vida seguia feliz, geralmente, com protagonismo do contato pessoal, do papo olho no olho (que hoje chamam, na gíria da molecada, de “papo reto”), normalmente temperado pelo abraço fraterno e pelo cuidado no trato e nas palavras dirigidas ao Irmão.

Vieram, em sequência, o celular e a *internet*, que foram um bálsamo para facilitar o acesso às informações e para otimizar a qualidade e a rapidez das comunicações. O *whatsapp* virou febre em todos os meios sociais e profissionais. Hoje, se o sujeito resolver confessar que não tem, ou que não usa o referido aplicativo, será tachado de esquisito, retrógrado, caduco, ou, quem sabe, de um dos últimos caturras.

As Lojas entraram na onda e criaram seus grupos de *whatsapp*. No início, um grupo só, para tudo que é assunto e, também, todos os públicos. Ali rolavam comunicados oficiais, parabenizações de aniversários (infundáveis e repetitivas, diga-se de passagem), piadelas de todas as ordens, além dos polêmicos memes políticos, dentre outros conteúdos provocativos e capciosos.

A alegria da comunicação rápida durou pouco. Trouxe, a reboque, a discórdia e o discurso de ódio, mesmo entre os Maçons. Realmente não é fácil compreender - e, muito menos explicar - tal fenômeno, entre nós. Mas, de fato, os Irmãos ofendiam escancaradamente seus Irmãos e, para piorar, juravam de pés juntos que tudo aquilo era só “liberdade de expressão e opinião”. Quem pedia bom senso e moderação era logo acusado de ser algoz e executor da tão reprovável censura. Alguns Irmãos mais polêmicos, talvez pelos dedos frouxos no mini teclado do celular, eram useiros e vezeiros em disseminar sementes de confusão, que germinavam rapidamente em forma de bate-boca e, de maneira não rara, na saída de uma penca de Irmãos do grupo.

A Diretoria, em resposta, reuniu-se para tentar apagar o incêndio e adotar deliberações emergenciais. Criou-se, então, um grupo oficial da Loja, onde as publicações estariam restritas a assuntos maçônicos e de interesse dos Irmãos. O grupo antigo foi desvinculado dos propósitos institucionais da Loja e continuou como um “bate-papo entre os Irmãos”, ou uma espécie de “liberou geral”, ficando quem quisesse e publicando o que quisesse, sob a responsabilidade de cada doido, na medida de sua mania. Um terceiro grupo também foi criado, para divulgação de assuntos culturais ligados à maçonaria, filosofia, simbologia e outros que tais de instrução da alma.

Foi um alento, mas, infelizmente, apenas até a página dois. Os polêmicos de sempre, fingindo-se de desavisados ou descuidados, vira e mexe publicavam as mesmas coisas de antes, nos grupos errados e, apenas depois de armado o banzê, pediam desculpas com a maior cara lavada, sem ao menos enrubescerem o semblante. Comentavam, à boca miúda, que esse negócio de colocar limites nos grupos de *whatsapp* era pura frescura, coisa de quem não aguentava discussão. Enfim, era uma tática orquestrada (consciente ou inconscientemente, não importa) para lançar as investidas da Diretoria ao descrédito. Novamente vários Irmãos, preocupados com a quebra da harmonia entre os obreiros da Loja, foram ter com o Venerável Mestre.

Reuniões e mais reuniões foram feitas, envolvendo o Venerável Mestre, a Diretoria, o Conselho de Mestres Instalados e, também, os Irmãos interessados na solução da polêmica armada (para dizer bem a verdade, participaram apenas os “incomodados”, pois os “polêmicos” apenas marcaram ponto no quesito absentéismo).

Após vários debates, saiu uma proposta audaciosa: um pequeno simpósio sobre o tema “limites na comunicação dos grupos de *whatsapp* Maçônicos”. As regras eram bem simples: os interessados fariam trabalhos objetivos e fundamentados, com apresentação de uma proposta sobre o tema. Estas seriam apresentadas, debatidas e deliberadas numa assembleia de Irmãos, designada para este fim específico. Ao final, todos votariam e aprovariam (ou não) os “enunciados” propostos. Afinal, se no âmbito dos tribunais judiciais profanos são editadas súmulas, orientações jurisprudenciais, instruções normativas, dentre outros verbetes, resolveram, no âmbito daquela Loja Maçônica, aprovar “orientações reflexivas”, não vinculantes da ação de cada Irmão, mas com alto poder de influência no crescimento instrutivo e no uso racional do livre arbítrio de cada um.

Poucos se dedicaram à pesquisa e apresentação de trabalhos. No entanto, os obreiros, quase sem exceção, compareceram em peso para as apresentações e debates.

O primeiro Irmão apresentou seus fundamentos. Ponderou que o “polêmico contumaz”, em vez de usar a tão falada liberdade de expressão e opinião, está a exercitar, como regra, a vaidade e a arrogância. Uma de suas características é a agressividade e a tentativa de imposição de seus paradigmas (que mais se assemelham a “paradogmas”). Assim, lembrando que a vida também tem sua linguagem simbólica, propôs que todos os Irmãos fizessem, do problema vivenciado no grupo de *whatsapp*, um aprendizado pessoal, de combate a tais vícios. Propôs, então, seu enunciado: *“Em cada manifestação no grupo de whatsapp, os Irmãos deverão, antes, submetê-la às três peneiras atribuídas a Sócrates, questionando: Tem certeza que o que queres dizer é verdade? O que queres contar é um ato de bondade? Terá utilidade para os demais a informação que queres divulgar? Diante da resposta negativa, em quaisquer destas perguntas, a publicação não deve ser ultimada”*.

O segundo Irmão lembrou do aparente sentimento de invisibilidade que os meios de comunicação em rede trazem aos usuários. Muitos escrevem aquilo que não teriam coragem de falar pessoalmente. O contato remoto, por simples digitação em aparelhos celulares, gera um efeito entorpecente nas pessoas. É como se tivessem achado o famoso anel de Giges de Platão (A República), com poderes de invisibilidade, que fariam despertar, em quem o usasse, a vontade irresistível de praticar vícios e delitos dos mais reprováveis, pela simples convicção do anonimato. Seu enunciado, então, foi proposto de forma bem simples e objetiva: *“Cada Irmão, antes de providenciar qualquer manifestação nos grupos de whatsapp, deverá despir-se do anel de Giges e, repetindo para si, que sabe que não está acobertado por invisibilidade ou anonimato, se colocará a refletir, mais uma vez, se mesmo assim deseja concretizar a publicação.”*

O terceiro Irmão lembrou que não se pode culpar a pedra pela vidraça quebrada. A *internet* não deu voz aos intolerantes, mas apenas os revelou. Uma publicação de cunho discriminatório, de intolerância à diversidade, ou de apologia (ainda que velada) à violência, via de regra, não traz mentiras, mas apenas evidencia a verdade do lamentável pensamento daquele Irmão. A justificativa da (própria) consciência dos que assim agem, normalmente, é a de colocar a culpa da polêmica nos outros (uma espécie de terceirização cômoda das responsabilidades pessoais). Frases como “o mundo está ficando chato”, ou “lá vem a censura”, são exemplos desta ausência de reflexão sobre si e, principalmente, sobre suas próprias atitudes. Parece que, na verdade, o mundo não está ficando chato, mas apenas está dando voz de resistência e solidariedade, pela primeira vez, aos que eram discriminados, ofendidos e que sempre apanharam e sofreram calados. Sua proposta de enunciado, com tal viés, foi assim lida: *“Em qualquer manifestação crítica ou polarizada, coloque-se no lugar de algum Irmão que pense em sentido contrário e imagine se ele se sentiria ofendido. Imagine, também, se você próprio gostaria que um Irmão divulgasse, nos mesmos termos, tom e intensidade, uma crítica direta à sua posição ideológica. Enfim, exercite, antes de qualquer manifestação, a alteridade. Coloque-se no lugar do outro.”*

Um quarto e último Irmão, apontou que, na sua visão, o principal problema não estava na exposição das ideias e das ideologias contrárias. Isso faz parte de uma democracia e da diversidade que vivenciamos na sociedade e na Maçonaria. O busílis está na forma de comunicação, que via de regra é agressiva, avessa ao diálogo, recheada de adjetivos e juízos subjetivos ou condenatórios (grande parte das vezes, nada simpáticos, ou até em forma de xingamentos ou de dispensável ironia). Sugeriu a todos os Irmãos que lessem o famoso livro intitulado “Comunicação não violenta”, de autoria de Marshall B. Rosenberg, pois a aplicação de seu método traria resultados louváveis para a manutenção da fraternidade e do diálogo sadio entre os Irmãos, nos grupos de *whatsapp* Maçônicos. E, então, com base nas premissas essenciais da referida obra, divulgou sua proposta de Enunciado: *“Em todas as manifestações, principalmente nos grupos de whatsapp, os Irmãos devem aplicar as premissas da comunicação não violenta, observando as seguintes etapas: observação, sentimentos, necessidades e pedidos. Para melhor elucidá-las, nas manifestações sobre quaisquer fatos, devemos descrevê-los sem julgamentos ou qualificações subjetivas. Depois é oportuno que expressemos, cordialmente, como nos sentimos, diante do que observamos. Em seguida, divulgamos nossas necessidades e desejos em relação ao que é discutido. Por fim, estaremos autorizados a pedir ações concretas que possam nos enriquecer e ajudar a todos naquela discussão.”*

Sem mais apresentações, seguiram-se os debates. Muitos foram os elogios e poucas as críticas. Os avessos à qualquer moralização dos grupos de *whatsapp* ficaram inibidos, provavelmente por não terem apresentado suas ideias e, tampouco, terem se disponibilizado ao estudo do tema. Para outros, esse tipo de discussão (fundamentada, organizada e, dando a cara a tapa) não caiu no gosto dos que estavam mais acostumados aos arrazoados agressivos, digitados à distância, longe do calor humano e da experimentação das reações adversas dos demais interlocutores. No tal do balãozinho de pensamento de alguns dos presentes (não externado, por óbvio), lia-se o sentimento de que alguns Irmãos, durante as exposições, vestiram as carapuças, que se incorporaram discreta (e imprópriamente) aos paramentos Maçônicos que vestiam durante a sessão.

Mas, deixemos de lado tudo isso. Vamos ao que interessa. Como foi a votação? Unânime? Houve aprovação com divergências? Ou reprovação por maioria?

Eis que foi essa a sacada de mestre da proposta daquela noite. Não houve votação. O Venerável Mestre agradeceu aos Irmãos que se dispuseram a estudar, apresentar enunciados e, também, a discutir sobre um tema tão espinhoso como esse. Afirmou que o intuito, principalmente em nosso

meio Maçônico, não era de impor limites aos Irmãos, mas sim de provocar, em cada um, a reflexão sobre o próprio agir, de modo a, mais uma vez, crescer espiritualmente, evoluir em fraternidade, além de, sem dúvida, praticar o que tanto pregamos nas premissas principiológicas e na filosofia de nossa Ordem.

E, então, finalizou sua fala fazendo um paralelo entre o *whatsapp* e a famosa história do Frankenstein, retratada no livro de Mary Shelley. Nesta obra, Victor Frankenstein, estudante de ciências naturais, constrói um ser humano gigantesco, a partir de cadáveres, usando a energia de um raio para lhe dar vida. Sua criação é abandonada e, tempos depois, passa a cometer assassinatos, inclusive o do Irmão do próprio Victor. Sem se alongar no enredo clássico e, furtando-se de dar *spoiler* em relação ao fim trágico da trama, o Venerável Mestre sintetizou que, tal como Frankenstein, o *whatsapp* estava em vias de se tornar, entre nós, a criatura que, fugindo a qualquer controle dos criadores, volta-se contra eles (os homens), causando prejuízos irreparáveis.

Arrematou aconselhando que todos os Irmãos usassem os enunciados apresentados como reflexão e, quiçá, como um *check list* de suas condutas e publicações em redes sociais. Rogou a proteção do Grande Arquiteto do Universo, para que as invenções humanas da era moderna, que são inegavelmente úteis, não se tornem, por nossa única e exclusiva culpa, o Frankenstein que nos conta a história.

Agora, por unanimidade, todos clamaram, juntos e espontaneamente, um sonoro: Que assim seja!

Bom sinal, não é?